

Ministério de Minas e Energia**Assessoria de Comunicação Social - ASCOM****Sumário**

VEÍCULO: O Globo	2
Título: ANP arrecada R\$ 8 milhões em leilão de petróleo	2
Título: Petrobras tem melhor resultado em 2 anos.....	3
Título: Governo vai conectar Roraima ao sistema nacional de energia.....	5
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	6
Título: Petrobras tem lucro de R\$ 4,45 bilhões no primeiro trimestre.....	6
Título: ANP vende 8 campos de petróleo em terra por R\$ 8 milhões	8
Título: Órgão ambiental quer trocar cientistas por membros da indústria	10
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	12
Título: Petrobras lucra R\$ 4,4 bi no 1º trimestre	12
VEÍCULO: Correio Braziliense	13
Título: Petrobras lucra R\$ 4,4 bilhões	13
VEÍCULO: Valor Econômico	14
Título: Destaques	15
Título: Corte de custos e de despesas ajudam Petrobras a lucrar R\$ 4,45 bi	15
Título: Reforma do setor elétrico é bem recebida no mercado livre.....	18
Título: Raízen avalia ativos da Shell na Argentina.....	19
Título: Ipiranga estima abrir cerca de 500 postos neste ano.....	21
Título: ANP quer manter áreas devolvidas em leilão permanente	22
Título: Avanço na venda de ativos definirá estratégia da QGEP	23

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Ramona Ordoñez****Título: ANP arrecada R\$ 8 milhões em leilão de petróleo**

Disputa por campos antigos surpreende e ágio médio chega a 1.991%.

A Agência Nacional do Petróleo (ANP) arrecadou ontem R\$ 7,97 milhões com o primeiro leilão de petróleo do ano, de campos antigos (maduros) em terra, voltado para empresas de médio porte. São áreas nas quais se sabe que há petróleo, mas que nunca foram exploradas, ou nas quais a produção foi interrompida por falta de interesse econômico. No leilão, foram arrematadas oito das nove áreas ofertadas. O ágio médio foi de 1.991,52%, o maior já registrado para este tipo de certame. Segundo Décio Oddone, diretor-geral da ANP, está ocorrendo um renascimento da indústria de exploração e produção de petróleo em terra. Para ele, isso explica a oferta de bônus de assinatura bem acima do valor previsto em edital: — É o apetite dos investidores, uma demonstração de que a indústria acredita na proposta. O secretário de Petróleo e Gás do Ministério de Minas e Energia (MME), Márcio Félix, disse ter ficado surpreso com o resultado do leilão, e destacou que quatro das seis empresas vencedoras eram prestadoras de serviços do setor e passam agora à condição de operadoras.

O maior bônus foi de R\$ 5,7 milhões, com ágio de 8.050%, oferecido pela empresa Newo Óleo e Gás para a área de Itaparica, no Recôncavo Baiano. Daniel Souto Maior, diretor de Exploração e Produção da companhia, disse que o plano é investir entre R\$ 4 milhões a R\$ 5 milhões na perfuração de seis poços no campo, montante bem superior ao aporte previsto no leilão para a área de R\$ 2,8 milhões. A Newo começou na área de engenharia e fornecimento de materiais e equipamentos para o setor. No ano passado, iniciou sua empreitada como produtora. — Esse campo é diferente de todos os outros que foram ofertados no leilão. Temos conhecimento profundo na área de recuperação de poços maduros e condições de otimizar e reduzir os custos para a retomada da produção nesse campo — disse.

ROYALTIES MENORES

Somente o campo de Noroeste do Morro Rosado, na Bacia Potiguar, no Rio Grande do Norte, não recebeu oferta. O secretário de Petróleo e Gás do MME explicou que o governo estuda deixar áreas que foram a leilão e não foram arrematadas ou que foram devolvidas pelas concessionárias — terrestres e marítimas — em oferta permanente. A proposta será apresentada na reunião do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) no dia 8 de junho. — Existe apetite no mercado. Há empresas novas entrando na atividade de exploração e

produção de óleo e gás. Algumas empresas vão usar sua capacidade para aplicar no próprio negócio, garantindo conteúdo local de quase 90% — afirmou Félix. Oddone, da ANP, ressalta que, além de agilizar o processo, já que não seria necessário esperar outro leilão para arrematar uma área de interesse, a mudança permitirá que empresas de pequeno porte programem melhor seus investimentos.

Em outra iniciativa para tornar mais atraente o investimento no setor de óleo e gás, o governo também pretende reduzir o percentual de royalties, atualmente em 10%, para áreas maduras terrestres e bacias de novas fronteiras, ainda não exploradas. A medida constará do edital que será publicado na próxima semana para a 14ª Rodada de Licitações, que acontecerá no fim de setembro, voltada para áreas no pós-sal. A lei prevê pagamento de 5% a 10% de royalties sobre a produção. Nas áreas tradicionais, o percentual de 10% será mantido. — A ideia é que a gente tenha um nível de royalties menor para áreas maduras terrestres e bacias de fronteira, onde há dificuldades logísticas e menos informações. A proposta é aumentar o valor absoluto dos royalties capturados pela sociedade, incentivando a exploração onde hoje é indefinida ou não existe — disse Oddone.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Bruno Rosa / Ramona Ordoñez

Título: Petrobras tem melhor resultado em 2 anos

Estatul lucra R\$ 4,45 bi no 1º trimestre com custos e investimentos menores e alta na cotação e produção de petróleo.

Com o aumento no corte de custos e a redução dos investimentos, a Petrobras registrou lucro líquido de R\$ 4,449 bilhões de janeiro a março deste ano. Foi o melhor resultado da companhia desde o primeiro trimestre de 2015. O desempenho surpreendeu o mercado e ocorreu após prejuízo de R\$ 1,246 bilhão nos três primeiros meses do ano passado. Analistas destacaram o preço mais favorável do petróleo e a boa performance operacional da estatal, com alta de 10% na produção de petróleo no país ante igual período de 2016. Entre janeiro e março, a Petrobras reduziu em 18% os gastos operacionais e em 27% as despesas de vendas em relação a igual período do ano anterior. Além disso, a companhia registrou um investimento 26% menor no início deste ano, de R\$ 11,542 bilhões.

Com isso, a estatal teve a melhor geração de caixa operacional de sua história para um trimestre, medida pelo Ebitda. Foi de R\$ 25,254 bilhões, alta de 19% em relação ao primeiro trimestre de 2016. Também contribuiu para o desempenho o reajuste nos preços de combustíveis anunciado em janeiro. Posteriormente, a companhia anunciou outro aumento em abril, cujo efeito só será percebido nos

dados do segundo trimestre. Um dos principais fatores que justificam a melhora no desempenho foi o aumento de 98% nas exportações de petróleo, que passaram de 307 mil barris diários de janeiro a março do ano passado para 609 mil barris por dia no primeiro trimestre deste ano. A importação de óleo caiu de 199 mil barris por dia para 93 mil barris diários na mesma base de comparação.

— A geração de caixa é um recorde histórico. É o maior da história da empresa. É um resultado positivo (neste indicador) pelo oitavo trimestre consecutivo. Tivemos um fluxo de caixa livre de R\$ 13,3 bilhões — afirmou Pedro Parente, presidente da Petrobras. Parente destacou a combinação de fatores que contribuiu para o resultado positivo no início do ano: — Em dezembro de 2015, a força de trabalho da empresa era de 282 mil pessoas. E no fim do primeiro trimestre chegamos a 220 mil pessoas. Estamos reduzindo gastos, com aumento de produtividade, mantendo a curva de produção conforme dissemos no nosso plano estratégico. E não vamos esquecer a política de preços da companhia.

REFORÇO DE CAIXA EM ABRIL

Parente lembrou que a companhia deve ter também um resultado positivo no segundo trimestre deste ano, já que em abril a companhia contabilizou a entrada de R\$ 6,7 bilhões com a venda da rede de gasodutos Nova Transportadora do Sudeste (NTS) para a Brookfield. — Se a gente observar nos quatro trimestres um resultado positivo, vamos prevê pagamento de dividendo. Já temos um resultado positivo para o segundo trimestre. O desejo da empresa é pagar dividendos o mais cedo possível — afirmou Parente. Ivan Monteiro, diretor de Finanças da Petrobras, destacou a melhora de indicadores da companhia. O endividamento bruto caiu 5% para R\$ 364,758 bilhões. A dívida líquida teve redução de 4%, para R\$ 300,975 bilhões na comparação com o primeiro trimestre do ano passado.

O executivo destacou que o recuo ocorreu em razão da apreciação do real de 2,8% e da amortização de dívidas. Monteiro lembrou que a empresa conta com linhas de financiamento disponíveis tanto no Brasil quanto no exterior. — Temos ofertas para operações nacionais e internacionais. Temos retorno dos bancos comerciais. A Petrobras é uma empresa mais eficiente. Não é só uma questão de reduzir ou fazer menos aquela mesma coisa. Temos vários componentes como o crescimento da produção do pré-sal, o corte de custos e o próprio programa de parcerias e desinvestimentos da empresa — disse Monteiro, afirmando que a posição de caixa da empresa é de US\$ 23 bilhões.

PASADENA ‘NÃO FAZ SENTIDO’

Sobre o programa de desinvestimentos, os executivos afirmaram que ainda não há uma data para lançar os teasers (alerta de venda) de ativos como a BR Distribuidora e a polêmica refinaria de Pasadena, no Texas, nos Estados Unidos.

Parente não quis antecipar qual seria o total de perdas com a venda da refinaria, comprada por US\$ 1,2 bilhão e avaliada hoje em cerca de US\$ 250 milhões, segundo fontes. — Não existe nesse momento a antecipação de um resultado positivo ou negativo do ativo. Haverá certamente avaliações e um processo de venda, como o ministro (de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho) mencionou, é uma questão de matemática. Se não faz mais sentido do ponto de vista estratégico, então faz sentido incluir no nosso programa de desinvestimento — resumiu.

Phillip Soares, analista da Ativa Investimentos, explicou que já se esperava uma melhoria nos resultados em razão do aumento dos preços do petróleo. No primeiro trimestre, o barril ficou em US\$ 54, em média, contra US\$ 34 em igual período do ano passado. Ele destacou também a nova política de revisão mensal dos preços dos combustíveis. — Com esses dois fatores já se esperava um bom resultado. Além dos preços do petróleo mais elevados, os combustíveis no país estão acompanhando as cotações internacionais. O que nos surpreendeu foi o forte corte nos gastos da companhia — afirmou Soares, ao ressaltar a redução do número de empregados e a melhora do perfil da dívida. A redução nos investimentos não é fator de preocupação para os analistas.

Segundo Phillip Soares, é melhor a Petrobras investir menos e em melhores projetos, do que investir em projetos que dão prejuízo. Parente lembrou que a redução dos investimentos é resultado do aumento da produtividade e do atraso da plataforma P-66, do pré-sal. Com a melhora em seus indicadores, a Petrobras já mira nos leilões de petróleo deste ano. Solange Guedes, diretora de Exploração e Produção da companhia, disse que a estatal avaliará atentamente as oportunidades: — A Petrobras olha atentamente em quais blocos vai exercer o direito de preferência (no caso do pré-sal). Vamos ver isso nesse mês. Estamos olhando com bastante atenção a 14ª Rodada e em especial as licitações deste ano. Queremos recompor nosso portfólio.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Manoel Ventura

Título: Governo vai conectar Roraima ao sistema nacional de energia

Recursos de fundo setorial vão bancar ampliação de linha de transmissão até Boa Vista

O país deve finalmente livrar Roraima da dependência de energia elétrica da Venezuela, que enfrenta grave crise social e econômica. O estado, que faz fronteira com os vizinhos sul-americanos, deve ser ligado ao Sistema Interligado Nacional (SIN) por meio de um linhão de transmissão de energia cujo projeto está

parado há anos. Agora, o governo decidiu usar recursos do fundo setorial Conta de Consumo de Combustíveis (CCC) para bancar o empreendimento, cujo orçamento inicial está entre R\$ 1,3 bilhão e R\$ 1,5 bilhão. O governo também vai liberar o licenciamento da Funai que ainda está pendente, pois parte da obra está em área indígena. A maior parte da energia elétrica consumida em Roraima (72%) tem como origem a Venezuela. O restante (28%) é gerado a partir de usinas termelétricas. Os dois casos são problemáticos. A energia oriunda da Venezuela é considerada cara e instável. As falhas frequentes prejudicam o fornecimento no estado e atrapalham a economia local.

A alternativa são as usinas termelétricas, cada vez mais acionadas devido à deterioração da linha de transmissão entre Brasil e Venezuela. A CCC é bancada por todos os brasileiros, embutida nas contas de luz. Roraima é o único estado do país que ainda não integra o SIN. A expectativa é que as obras sejam iniciadas ainda neste ano e fiquem prontas até o fim de 2018. O decreto que permite os aportes da CCC já foi assinado pelo presidente Michel Temer e deverá ser publicado nos próximos dias. A construção da linha que ligará Boa Vista a Manaus, se integrando ao Linhão de Tucuruí — e, conseqüentemente, ao SNI — será feita pela Eletronorte. Inicialmente, a obra havia sido entregue à Transnorte Energia, que tem como sócios a Alupar (com 51%) e a Eletronorte. A Alupar, porém, decidiu sair do empreendimento. A linha tem mais de 1.400 quilômetros e foi licitada em 2011. Ela deveria ter entrado em operação em 2015.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona

Título: Petrobras tem lucro de R\$ 4,45 bilhões no primeiro trimestre

Apesar da queda nas vendas e na receita, a Petrobras registrou lucro de R\$ 4,449 bilhões no primeiro trimestre de 2017, revertendo um prejuízo de R\$ 1,246 bilhão no mesmo período do ano anterior.

No balanço divulgado nesta quinta (11), a empresa diz que o desempenho é resultado de menores gastos com importação de petróleo, aumento de exportações e redução de despesas.

"Sem dúvida nenhuma, foi um bom trimestre para a nossa companhia", disse o presidente da Petrobras, Pedro Parente. "Estamos reduzindo gastos, com aumento da produtividade e da curva de produção como havíamos prometido".

O diretor financeiro da empresa, Ivan Monteiro, diz que a variação do preço do petróleo, que passou de US\$ 34 por barril no primeiro trimestre de 2016 para US\$ 54 por barril, foi um componente fundamental para o resultado.

Outro fator foi o maior uso de petróleo do pré-sal nas refinarias brasileiras, pela melhor qualidade e pela redução de custos logísticos. No primeiro trimestre de 2016, 95% do óleo refinado pela empresa foi produzido no país.

As despesas com vendas e administrativas caíram 27% na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior. Os gastos operacionais gerenciáveis foram reduzidos em 18%.

De acordo com Monteiro, esses fatores levaram a estatal a ter o melhor Ebitda (indicador que mede a geração de caixa) da história: R\$ 25,254 bilhões.

Foi o oitavo trimestre consecutivo que a Petrobras teve fluxo de caixa positivo, isto é, gerou mais recursos do que gastou. A sobra foi de R\$ 13,4 bilhões.

Com a queda de 5% nas vendas em relação ao primeiro trimestre de 2016, a receita foi 3% menor, de R\$ 68,365 bilhões.

DÍVIDA

Principal problema para a gestão da empresa, o endividamento fechou o trimestre em queda, resultado principalmente da valorização do real frente ao dólar. A dívida líquida caiu 5%, para R\$ 300,975 bilhões.

Em dólares, a queda foi de 1%, para US\$ 95 bilhões.

O indicador de dívida líquida sobre Ebitda ficou em 3,24 vezes. No balanço do trimestre anterior, o número era 3,54 vezes. O plano de negócios da estatal estipulou a meta de atingir 2,5 vezes em 2018.

A produção de petróleo da companhia atingiu 2,248 milhões de barris de por dia, 9% maior do que no trimestre anterior.

A empresa espera iniciar as operações em quatro novas plataformas ainda este ano: a P-66, que já está instalada no campo de Lula, no pré-sal; o teste de longa duração de Libra, que está a caminho do Brasil; e as plataformas P-67 e Cidade de Campos dos Goytacazes, que estão em obras.

A Petrobras fechou o trimestre com um saldo líquido de exportações de 489 mil barris por dia.

"A Petrobras vai se consolidando como uma empresa exportadora", disse o diretor de refino e gás da empresa, Jorge Celestino. "O petróleo do pré-sal tem bom preço no mercado e isso melhora muito a rentabilidade das nossas operações".

VENDAS

Na quarta (10), a Petrobras anunciou a aprovação de seu novo plano de venda de ativos, que segue recomendações feitas pelo TCU (Tribunal de Contas da União). Entre os projetos que serão vendidos, a empresa inclui a refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos, e a Petrobras África.

A meta do plano de desinvestimentos é levantar US\$ 21 bilhões até o fim de 2018 para reduzir o elevado endividamento.

A empresa informou que, a venda da Nova Transportadora do Sudeste (NTS), fechada em 2016 terá impacto positivo de R\$ 6,7 bilhões no balanço do segundo trimestre.

Em 2016, a empresa completou o terceiro ano seguido de prejuízos, provocados principalmente por baixas contábeis bilionárias no valor de ativos por revisão após o início da Operação Lava Jato e com a queda do preço do petróleo no mercado internacional.

Parente disse que a empresa não vê, nesse momento, razões para ter, em 2017, volume de baixas contábeis equivalentes às que fizeram em anos anteriores.

LEILÕES

A estatal informou que está avaliando as áreas que serão oferecidas nos leilões oferecidos pelo governo, mas não quis detalhar como se dará sua participação.

"A Petrobras tem a intenção de recompor seu portfólio de exploração e vai olhar", disse a diretora de exploração e produção, Solange Guedes.

O governo prevê dois leilões do pré-sal e um do pós-sal no segundo semestre.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona

Título: ANP vende 8 campos de petróleo em terra por R\$ 8 milhões

Com a venda de oito dos nove campos de petróleo oferecidos, a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) arrecadou nesta quinta (11) R\$ 7,977 milhões com a quarta rodada de licitações de acumulações marginais. O valor representa um ágio de 1.991% com relação ao preço mínimo das áreas.

A ANP espera investimentos de R\$ 9,1 milhões nas áreas arrematadas.

No leilão, foram ofertados campos que já tiveram produção, mas foram devolvidos. São áreas de pequeno porte localizadas em bacias terrestres no país. Entre os vencedores, a maior parte das empresas são fornecedoras de bens e serviços para o setor que ainda não atuam na produção de petróleo.

"A rodada foi uma porta de entrada dessas empresas no setor de exploração e produção. esperamos que, no futuro, elas tenham um porte muito maior", disse o diretor-geral da ANP, Décio Oddone, para quem o leilão foi "amplamente bem sucedido".

A maior parte do valor arrecadado, porém, veio de apenas uma oferta, feita pela empresa Newo Óleo e Gás para a área de Itaparica, na Bahia. Foram R\$ 5,710 milhões, um ágio de 8.050%. O campo foi disputado por quatro empresas - o segundo maior lance, R\$ 2,264 milhões, foi dado Dimensional Engenharia.

A Dimensional levou outro campo na Bahia, chamado Vale do Quiricó, por R\$ 764,4 mil.

Também estreante, a Muncks & Reboques Brasil ficou com duas áreas na Bahia: Jacumirim, pela qual pagou R\$ 132 mil, e Araçás Leste (R\$ 357,7 mil).

A Ubuntu Engenharia e Serviços também arrematou duas: Noroeste do Morro Rosado, no Rio Grande do Norte (R\$ 111,1 mil) e Rio Mariricu, no Espírito Santo (R\$ 808,8 mil).

As outras vencedoras foram a Imetame —que ficou com a área de Iraúma, no Rio Grande do Norte, por R\$ 70 mil— e a Petrol Serviços de Sondagem - que levou Garça Branca, no Espírito Santo, por R\$ 23,5 mil.

Essas empresas terão que investir para recuperar a produção nas áreas. Segundo Oddone, são investimentos com início no curto prazo, que podem gerar oportunidades de empregos e para outros prestadores de serviço.

"Vejo apetite dos investidores, em uma demonstração de que a indústria está acreditando na nossa proposta", disse o diretor-geral da ANP. Para este leilão, o governo eliminou as exigências de conteúdo local.

OFERTA PERMANENTE

Em entrevista após a rodada, o secretário de petróleo e gás do Ministério de Minas e Energia, Marcio Felix, disse que o governo estuda propor uma oferta

permanente de campos de petróleo devolvidos, sem a necessidade de realização de leilões.

A ideia é deixar as oportunidades disponíveis no site da ANP. Se alguma empresa manifestar interesse, a agência abre um período de 30 dias para que outros interessados possam concorrer pela área. A proposta precisa ainda ser aprovada pelo CNPE (Conselho Nacional de Política Energética).

Ainda assim, estão mantidos dois leilões deste tipo de áreas nos próximos dois anos.

Ainda este ano, a ANP realiza três novos leilões, um para áreas do pós-sal, em setembro, e dois para áreas do pré-sal, em outubro.

Oddone disse que, para o primeiro, a ANP deve reduzir os royalties das áreas terrestres, hoje em 10%. Na semana passada, ele já havia adiantado que reduziria a alíquota de bacias pouco exploradas de 10% para 5%.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Ciência

Autor: Isabel Fleck de Washington

Título: Órgão ambiental quer trocar cientistas por membros da indústria

Há uma semana, o cientista Robert Richardson recebeu um e-mail dizendo que a Agência de Proteção Ambiental (EPA, na sigla em inglês) não precisava mais do seu trabalho. Richardson integrava há três anos o Painel de Conselheiros Científicos e foi um dos nove cientistas dispensados pelo governo de Donald Trump, no mais recente golpe sofrido pela agência desde que o republicano assumiu.

O mandato de Richardson havia acabado, mas a expectativa era de que ele fosse renovado por mais três anos, prática bastante comum nos conselhos de especialistas da EPA. No lugar dos cientistas, segundo um porta-voz da agência, a ideia é colocar representantes de indústrias "reguladas" pela agência.

"Se a agência prosseguir com a intenção de indicar representantes de indústrias, haverá preocupações claras sobre a objetividade dos conselhos científicos dados pelo painel", disse Richardson à Folha. "Vai ser difícil imaginar como eles poderão assegurar que não há conflito de interesses."

O presidente dos EUA, Donald Trump, com o presidente da EPA, Scott Pruitt, após assinatura de decreto contra plano ambiental de Obama

O presidente dos EUA, Donald Trump, com o presidente da EPA, Scott Pruitt, após assinatura de decreto contra plano ambiental de Obama

A mudança em um dos principais conselhos da agência vem depois de Trump determinar um corte de 31% no orçamento da EPA para 2018, o que deverá representar um corte de cerca de 3.200 dos seus 15 mil funcionários. O montante de US\$ 8,1 bilhões gasto com a agência em 2016 representava 0,2% do total do orçamento federal.

Para especialistas da área, contudo, o enfraquecimento da EPA começou em dezembro, antes mesmo da posse, quando Trump escolheu o cético sobre mudanças climáticas, Scott Pruitt, para liderar a agência. Pruitt entrou na Justiça 14 vezes contra decisões da EPA quando era procurador-geral de Oklahoma, de 2011 a 2017.

Genna Reed, especialista da União dos Cientistas Preocupados, uma das principais organizações de defesa da ciência nos EUA, cita ainda como golpes à agência dois decretos assinados por Trump: um que desmantela o Plano de Energia Limpa –que restringe a emissão de gases por usinas a carvão- e um que pede a revisão da norma que limita a poluição de rios e lagos.

"A indicação de um negacionista climático com forte ligação com as indústrias de petróleo e gás para liderar a EPA, as ordens que minam políticas para lidar com mudanças climáticas e os esforços do governo para impedir a capacidade da agência de coletar dados importantes ilustram o desprezo do governo Trump pelo papel da ciência no processo de tomada de decisão da EPA", diz Reed.

Richardson lembra o dia, em abril, em que o diretor da agência de proteção ambiental do país escreveu no Twitter que estava ao lado de mineiros para lançar um programa que "mudará o foco da EPA, equilibrando a proteção do meio ambiente com a geração de empregos". (...)

O que é a EPA

CRIAÇÃO 1970

FUNCIONÁRIOS 15.000

ESTIMATIVA DE CORTES 3.200 funcionários

ORÇAMENTO 2016 US\$ 8,1 bilhões (0,2% do total do orçamento)

CORTE NAS VERBAS PARA 2018 31% (orçamento irá para US\$ 5,6 bilhões)

COMANDO Scott Pruitt está à frente da agência

INDICAÇÃO POLÊMICA

Indicado por Trump, Pruitt assumiu sob protestos de ambientalistas –como procurador-geral do estado de Oklahoma, Pruitt processou inúmeras vezes a EPA, buscando favorecer a indústria de combustíveis fósseis

NEGACIONISMO

Recentemente, Pruitt declarou que não acredita que as emissões de CO2 sejam a causa primária do aquecimento global –o que contraria o consenso científico. Ele também já se declarou favorável à saída dos EUA do Acordo de Paris

SEM INFORMAÇÃO

Várias páginas do site da EPA relacionadas à mudança climática recentemente foram apagadas. Encontra-se a informação "página não encontrada" ou "a página está sendo atualizada"

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção: Economia****Autor: Fernanda Nunes / Vinicius Neder****Título: Petrobrás lucra R\$ 4,4 bi no 1º trimestre**

Balanço. Resultado, fruto também de um aumento de 9% na produção de petróleo e gás, reverte o prejuízo de R\$ 1,2 bilhão registrado no mesmo período do ano passado; presidente da estatal disse que números no trimestre foram ‘satisfatórios’

Com custos mais controlados e aumento das exportações, a Petrobrás registrou no primeiro trimestre um lucro líquido de R\$ 4,449 bilhões, o segundo consecutivo, anunciou ontem a empresa. O resultado reverteu o prejuízo de R\$ 1,246 bilhão do primeiro trimestre de 2016 e ficou acima das estimativas de analistas ouvidos pelo Estadão/ Broadcast, que apontavam para um lucro líquido de R\$ 3,5 bilhões. Segundo especialistas, o resultado do primeiro trimestre passou ao largo do impacto da recessão nas vendas internas de combustíveis. A queda na produção (8%) e nas vendas (5%) de gasolina, diesel e demais derivados, na comparação com o primeiro trimestre de 2016, foi compensada pelo aumento de 72% nas exportações, que atingiram 782 mil barris por dia (bpd).

Com isso, a produção total de petróleo da estatal, no Brasil e no exterior, cresceu 9% em relação ao primeiro trimestre de 2016, para 2,248 milhões de barris/ dia. “Estamos satisfeitos com esses resultados”, disse o presidente da estatal, Pedro Parente. “Reduzimos gastos com ganhos de produtividade e aumento da produção.” A geração de caixa (medida pelo Ebitda, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) foi de R\$ 25,254 bilhões, alta de 19% em

relação aos três primeiros meses do ano passado e recorde histórico da companhia. Parte do ganho veio de demissões, disse Parente. Para o analista Flávio Conde, da consultoria WhatsCall Research, o resultado foi “forte”, principalmente por causa da maior eficiência operacional.

O balanço financeiro da estatal mostrou que, no primeiro trimestre, houve redução de 27% nas despesas com “vendas, gerais e administrativas” e de 11% nas despesas financeiras líquidas. Com o avanço do plano de incentivo ao desligamento voluntário (PIDV), o efetivo total encolheu 17% na comparação com o primeiro trimestre de 2016, somando agora 65,2 mil funcionários. A Petrobrás também viu sua dívida bruta cair 5% em relação ao nível do fim de 2016, passando para R\$ 364,8 bilhões. A dívida líquida ficou em R\$ 301 bilhões. Grande parte do movimento se deveu à queda do dólar: na moeda americana, a dívida líquida caiu só 1%, para US\$ 95 bilhões. O índice que mede a relação entre dívida e geração de caixa caiu de 3,54, no fim do ano passado, para 3,24 no encerramento do primeiro trimestre.

A petroleira continua a ser uma das companhias mais endividadas do mundo, mas o índice de alavancagem está caindo a patamares que nem a diretoria projetava. A estatal se comprometeu com a meta de reduzir esse índice a 2,5 no fim do próximo ano. Para Conde, mantido o ritmo atual, a meta parece factível. Segundo Edmar Almeida, professor da UFRJ, o resultado mostra que a Petrobrás está em recuperação, mas, além das cotações do petróleo e da venda de ativos, a estatal dependerá muito da economia brasileira para atingir suas metas.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor:

Título: Petrobras lucra R\$ 4,4 bilhões

A Petrobras teve lucro líquido de R\$ 4,449 bilhões no primeiro trimestre deste ano, revertendo um prejuízo de R\$ 1,246 bilhão no mesmo período de 2016. É o melhor resultado desde o início de 2015 e o segundo desempenho positivo trimestral seguido. Nos últimos três meses do ano passado, o lucro foi de R\$ 2,510 bilhões. Os dados do balanço foram divulgados ontem pela estatal.

Conforme a petroleira, o resultado foi determinado por vários fatores, entre eles, menores gastos com importações de petróleo e gás natural, maior participação do óleo nacional na carga processada e expansão da oferta de gás. A diretoria ainda atribuiu o bom desempenho ao aumento de 72% nas exportações, que atingiram 782 mil barris por dia, com preços médios de petróleo mais elevados.

A redução de 27% nos gastos com vendas, gerais e administrativas, e a queda de 11% nas despesas financeiras líquidas também contribuíram para o lucro, assim como o recuo nos custos com ociosidade de equipamentos. A queda das despesas de vendas, de 22%, refletiu cortes de pessoal, principalmente, “pelo impacto dos desligamentos de empregados pelo plano de incentivo ao desligamento voluntário”. No fim de março, o número de trabalhadores totalizou 65.220.

Com todos os ajustes, ressaltou a empresa, o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) ajustado da petroleira foi de R\$ 25,2 bilhões, alta de 19% em relação ao mesmo período de 2016, quando foi de R\$ 21,2 bilhões, e aumento de 2% ante o quarto trimestre do ano passado. A receita da companhia somou R\$ 68,36 bilhões no trimestre, queda de 3% ante o faturamento de R\$ 70,34 bilhões do mesmo intervalo de 2016. Em 2016, a Petrobras acumulou prejuízo de R\$ 14,8 bilhões, no terceiro ano seguido de perdas.

Os investimentos da estatal totalizaram R\$ 11,5 bilhões no primeiro trimestre deste ano, o que representa um recuo de 26% ante igual intervalo de 2016, quando foi de R\$ 15,6 bilhões, e de 18% em relação aos desembolsos do quarto trimestre, R\$ 14 bilhões. Com exceção do setor de gás e energia, que teve um incremento no aporte, todas as demais áreas da empresa tiveram menos investimentos na comparação anual.

A companhia conseguiu reduzir o endividamento. No final de março, a dívida líquida da Petrobras somou R\$ 300,9 bilhões, o que representa queda de 4% ante os R\$ 314,1 bilhões do final de 2016. No balanço, a estatal destacou que o fluxo de caixa livre ficou positivo pelo 8º trimestre consecutivo, atingindo R\$ 13,37 bilhões, mais de 5 vezes do que o registrado um ano antes. “Esse resultado reflete a combinação entre a melhora expressiva da geração operacional da empresa e a redução de investimentos”, destacou.

Impacto

Além do balanço, a estatal divulgou ontem o impacto contábil da venda de um ativo nas demonstrações financeiras do segundo trimestre de 2017. “Em complemento ao fato relevante comunicado em 4 de abril de 2017, sobre a operação de venda de 90% das ações da companhia na Nova Transportadora do Sudeste (NTS), o impacto contábil estimado é o reconhecimento de um ganho de cerca de R\$ 6,7 bilhões, antes dos tributos”, informou, em nota. Nesta semana, a Petrobras também anunciou a venda da refinaria de Pasadena, que originou as investigações da Lava-Jato.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor:**Título: Destaques****Usiminas vai reativar forno**

Após seis meses de discussões na diretoria-executiva da Usiminas, fruto de divergências, ontem o conselho de administração da siderúrgica aprovou a retomada das operações do alto-forno 1 da Usina de Ipatinga (MG), que foi temporariamente paralisado em junho de 2015. Na segunda-feira, o Valor antecipou que o tema voltaria à apreciação do conselho neste mês. Havia um grupo de diretores que defendia postergar a decisão alegando dificuldades financeiras da empresa. Em 2015, o equipamento foi paralisado porque a empresa teve de ajustar a produção à queda da demanda por aços planos no país. Segundo a Usiminas, em comunicado, a reativação do alto-forno, - prevista para abril de 2018 - exigirá investimentos orçados em R\$ 80 milhões. Na reportagem, o Valor apurou que o alto-forno 1, após uma reforma completa, vai adicionar 800 mil toneladas de capacidade de produção de placas em Ipatinga. A nota ressalta que a Usiminas reduzirá sua exposição ao fornecimento de terceiros. E terá aço com custo mais em conta.

CPFL tem lucro menor

A CPFL Energia registrou lucro líquido atribuído aos acionistas controladores de R\$ 245,9 milhões no primeiro trimestre, queda de 9,4%. A receita líquida somou R\$ 5,54 bilhão de janeiro a março, avanço de 27,7%. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) cresceu 15,6%, a R\$ 1,2 bilhão, refletindo a consolidação integral da RGE Sul (antiga AES Sul) e a melhora nos resultados da CPFL Renováveis. "Após oito trimestres seguidos de queda, o segmento de distribuição apresentou estabilidade nas vendas de energia no primeiro trimestre de 2017, desconsiderado o efeito positivo da aquisição da RGE Sul ", destacou a empresa. A classe residencial registrou alta de 1,5%, enquanto as classes industrial e comercial apresentaram queda de 2,2% e 0,7%, respectivamente, refletindo os efeitos do desaquecimento da atividade econômica no país.

VEÍCULO: Valor Econômico**Seção: Empresas****Autor: Camila Maia e Fernanda Torres****Título: Corte de custos e de despesas ajudam Petrobras a lucrar R\$ 4,45 bi**

A Petrobras divulgou ontem o seu primeiro balanço "limpo" dos últimos anos - sem efeitos não recorrentes relevantes - e o resultado líquido, um lucro de R\$

4,45 bilhões de janeiro a março, veio acima das estimativas dos analistas. Um ano antes, a estatal teve prejuízo de R\$ 1,24 bilhão.

A despeito de uma leve queda de receita, por conta de vendas de menores de combustíveis no mercado interno, a empresa registrou as margens bruta e operacional mais altas da década, em 35% e 21%, respectivamente.

A explicação para o desempenho está na política de preços de combustíveis, que a despeito da flutuação ainda sustenta um prêmio sobre os preços internacionais, e por um expressivo corte de gastos que vem sendo implementado como parte do Plano de Negócios e Gestão 2017-2021.

As despesas de vendas, gerais e administrativas somaram R\$ 4,69 bilhões de janeiro a março, uma queda de 21% ante o desembolso do quarto trimestre de 2016 e de 27% na comparação anual.

O resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado foi outro destaque positivo do resultado, ao avançar 25%, para R\$ 25,2 bilhões. Segundo Pedro Parente, presidente da companhia, esse foi o maior Ebitda historicamente registrado pela estatal em um trimestre.

"Sem dúvida nenhuma foi um bom trimestre para a companhia", disse Parente, durante entrevista coletiva concedida ontem, depois da divulgação do resultado. Ele destacou, como marcas positivas do trimestre, o aumento das exportações líquidas. A retração das vendas de derivados no mercado nacional foi, por sua vez, o destaque operacional negativo.

A receita da estatal no primeiro trimestre somou R\$ 68,3 bilhões, baixa de 3% na comparação anual. Um dos motivos foi a menor demanda por gasolina e diesel no país. As menores receitas com energia elétrica também pressionaram a receita, em decorrência dos menores despachos das termelétricas. A venda das operações no Chile e na Argentina também pressionaram a receita na comparação anual.

A receita do segmento de distribuição de combustíveis caiu 17,1% no trimestre, para R\$ 20,9 bilhões. No Brasil, a queda foi de 10% (para R\$ 19,8 bilhões), sendo que no exterior a baixa chegou a 66% (para R\$ 1,07 bilhão). A participação de mercado da companhia no segmento de distribuição de combustíveis no Brasil teve nova queda, para 29,8%. No primeiro trimestre de 2016, era de 32,4%.

"Estamos reduzindo gastos, conforme dissemos no nosso plano estratégico", afirmou Parente. Ele destacou também a queda de 34% nos investimentos no trimestre, para R\$ 9,8 bilhões em termos de desembolso de caixa (R\$ 11,54 bilhões por competência).

Considerando o câmbio médio de R\$ 3,15 do primeiro trimestre, a Petrobras caminha para um investimento de US\$ 15 bilhões neste ano, abaixo da meta de investir cerca de US\$ 20 bilhões este ano. Ainda assim, Parente assegurou que a estatal não pretende alterar a meta de produção de petróleo de 2017, de 2,07 milhões de barris por dia no Brasil.

De acordo com Solange Guedes, diretora de exploração e produção da Petrobras, a companhia está olhando com "bastante atenção" para a 14ª Rodada de Licitações da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e para os outros dois leilões previstos para este ano - os dois do pré-sal. Ela acrescentou ainda que a companhia "tem intenção de recompor seu portfólio exploratório."

Enquanto isso, a Petrobras segue com seu plano de vendas de cerca de US\$ 20 bilhões em ativos neste ano. De acordo com Ivan Monteiro, diretor financeiro e de relações com investidores da companhia, a intenção é divulgar o mais rapidamente possível o conjunto de projetos que serão oferecidos ao mercado.

Segundo Monteiro, o processo será específico para cada ativo, cujo modelo de venda precisará ser aprovado pela diretoria para em seguida ser divulgado um "teaser" ao mercado, com publicação de fato relevante.

As vendas de ativos são importantes para que a Petrobras alcance os objetivos de redução mais consistente de sua dívida.

Ao fim de março, o endividamento líquido da companhia chegou a R\$ 301 bilhões, queda de 4% em relação ao fim de dezembro e de 18% em um ano. Com isso, a alavancagem medida pela relação entre a dívida líquida e o Ebitda chegou a 3,24 vezes, ante 3,54 vezes em dezembro e de 4,9 vezes em março de 2016.

Boa parte da melhora, contudo, se deve à valorização do real. Em dólares, a dívida líquida teve queda de 1% no trimestre, para US\$ 94,99 bilhões e ainda está entre maiores do mundo na área não financeira. Por isso a ênfase da gestão na venda de ativos.

Segundo Parente, é possível chegar a uma alavancagem inferior a 2,5 vezes - meta da companhia - antes do fim de 2018, como foi anunciado no plano de negócios. Se isso acontecer, de acordo com ele, o objetivo é continuar buscando redução do nível de endividamento. "Não quer dizer que vamos parar por aí", disse o presidente da estatal.

Considerando a entrada dos recursos da venda da Nova Transportadora do Sudeste (NTS) para a Brookfield, concluída em 4 de abril, a trajetória de queda do nível de endividamento está melhor que a prevista no plano de negócios, explicou Parente.

Em fato relevante divulgado ontem, a Petrobras informou que a conclusão da venda da NTS vai gerar um efeito positivo antes de tributos de R\$ 6,7 bilhões no balanço do segundo trimestre.

Se os resultados continuarem positivos nos próximos trimestres e a estatal fechar 2017 no azul, a companhia voltará a pagar dividendos aos acionistas. "Aumenta as chances, mas não posso prometer e fazer projeções. O nosso desejo é pagar dividendos o mais cedo possível", disse Parente.

É importante notar que, a despeito do efeito cambial e do programa de venda de ativos, a nova gestão da Petrobras vem atacando em duas frentes a situação que gerou o alto endividamento da companhia no passado, que era investir, por anos a fio, um volume de recursos muito acima da capacidade de geração de caixa (ver gráfico acima).

Desde 2014, o ritmo de investimentos da empresa caiu pela metade, para cerca R\$ 50 bilhões em 12 meses, enquanto o Ebitda demorou um pouco a reagir, mas mudou de patamar recentemente, saindo da casa de R\$ 75 bilhões para mais de R\$ 90 bilhões.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito e Camila Maia

Título: Reforma do setor elétrico é bem recebida no mercado livre

A intenção do governo de publicar medida provisória (MP) com reformas no setor elétrico foi bem recebida pelos agentes do mercado livre, especialmente no que diz respeito à liberalização do segmento e ao fim das cotas de energia.

A MP, que ainda está sendo elaborada, altera pontos importantes do setor elétrico. Além da liberação do mercado livre para todos com demanda superior a 0,5 megawatts (MW), a medida deve autorizar a Eletrobras a vender a energia de Itaipu pelos preços que considerar conveniente depois do fim da atual concessão, em 2023.

Outra alteração importante é o possível fim do sistema de cotas de garantia física e potência, criado pela controversa Medida Provisória (MP) 579, convertida na Lei 12.783 de 2013. Na "descotização", as geradoras poderão vender a energia das cotas em contratos no mercado livre ou para comercializadoras, numa espécie de "mercado secundário" para essa energia.

"A descotização e a possibilidade de venda de energia de Itaipu no mercado livre trarão mais liquidez para este mercado. Isso deve gerar mais negócios. Quanto

mais liquidez, melhor o mercado fica", disse Paulo Toledo, diretor da Ecom Energia.

Para o diretor do grupo Compass Energia, Marcelo Parodi, as medidas são muito positivas. "O mercado livre terá sua tão desejada injeção de liquidez, corrigindo a distorção da MP 579 que canalizou toda essa energia para o ambiente regulado", disse.

A autorização para que os consumidores livres comprem energia convencional ou incentivada também é vista como um avanço por Parodi, por dar a opção de escolha ao consumidor e aumentar a competitividade. "E o governo ainda contará com uma fonte significativa de recursos, da ordem de R\$ 10 bilhões a R\$ 12 bilhões por ano", completou.

A MP, porém, poderia ir além na abertura do mercado livre, de acordo com Reginaldo Medeiros, presidente executivo da Associação Brasileira de Comercializadores de Energia Elétrica (Abraceel). "Nosso único 'porém' é que entendemos que seria possível avançar mais no que diz respeito à abertura do mercado, com a adoção de um regime escalonado ao longo do tempo para que todos os consumidores, mesmo os de baixa tensão, pudessem optar pelo segmento livre", afirmou.

No mercado, a notícia impulsionou ganhos das ações da Eletrobras. A ação PNB teve alta de 6,35% ontem, a R\$ 20,92, enquanto a ON teve alta de 8,52%, a R\$ 17,45.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes

Título: Raízen avalia ativos da Shell na Argentina

A Raízen Combustíveis, distribuidora de combustíveis da Raízen, joint venture entre Cosan e Shell, apresentou uma oferta não vinculante por ativos da própria Shell na Argentina. A companhia anglo-holandesa colocou à venda uma refinaria e sua rede de aproximadamente 600 postos de abastecimento naquele país no início deste ano, como parte de amplo plano de desinvestimentos.

Conforme a diretora de Relações com Investidores da Cosan, Paula Kovarsky, a oferta foi apresentada para que a Raízen continuasse no processo de venda dos ativos, que numa segunda fase deverá se restringir a três interessados, segundo informação da Bloomberg. "É uma oferta não vinculante, para continuar no processo e ter oportunidade de estudar mais a fundo", afirmou.

Uma proposta firme de compra somente será apresentada se ficar claro que o negócio faz "sentido econômico". "E se a gente entender que tem sinergias interessantes a capturar", acrescentou Paula. Em relação à ordem de grandeza da operação, a diretora comentou que o negócio seria equivalente a agregar "mais um Estado do Sul à conta" e a Raízen teria condições de absorvê-lo com razoável facilidade. "A gente sempre olha oportunidades. É dever de ofício", disse.

Caso decida seguir adiante com uma oferta e saia vencedora no processo, a Raízen Combustíveis vai internacionalizar sua operação, hoje concentrada no Brasil com 6.043 postos com a bandeira Shell. Reportagem do jornal argentino "Clarín", com base em informações da Bloomberg, a empresa anglo-holandesa recebeu ao todo, oito propostas, que ficaram entre US\$ 1 bilhão e US\$ 2 bilhões.

Além da Raízen, informa o Clarín, apresentaram ofertas a chilena Luksic, Trafigura, Vitol, PetroChina, Pluspetrol e Southern Cross Group. Havia dúvidas quanto à participação da YPF. A Shell teria solicitado aos potenciais compradores a manutenção de sua marca nos postos.

A diretora da Cosan afirmou ainda que a expectativa para o resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) da Raízen Combustíveis no segundo trimestre é de evolução de "um dígito baixo a médio". "Essa expansão vai depender da volatilidade dos preços e recuperação do volume", observou.

No primeiro trimestre, esse resultado cresceu 7,9% na comparação anual, para R\$ 625,3 milhões. Pelo critério ajustado, a alta foi de 16,5%, para R\$ 681,8 milhões. O investimento alcançou R\$ 227 milhões (mais 27%), concentrado em expansão e renovação da rede de postos revendedores, em linha com o plano anual.

O volume total de vendas de combustíveis subiu 1,3%, para 6,12 milhões de metros cúbicos, ante queda de 1% do mercado nacional, segundo dado da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). O destaque ficou por conta das vendas do chamado ciclo Otto (gasolina e etanol), com crescimento de 3%.

Conforme Paula, o ano começou com alguns sinais de arrefecimento na dinâmica de queda mais pesada na demanda por combustíveis observada nos últimos dois anos, mas a base de comparação ainda é fraca.

Nesse mercado, a estratégia da Raízen é a expansão da rede de distribuição com conversão de postos e renovação de contratos existentes. A empresa também investe pesado em logística.

VEÍCULO: Valor Econômico**Seção: Empresas****Autor: Stella Fontes****Título: Ipiranga estima abrir cerca de 500 postos neste ano**

A Ipiranga, rede de distribuição de combustíveis do grupo Ultra, estima abrir perto de 500 postos neste ano. No fim de 2016, a rede contava com 7.563 postos, aumento de 5%. Conforme o diretor financeiro e de Relações com Investidores da Ultrapar, André Pires, uma das alavancas de crescimento é a expansão mais acelerada na rede. Em março, eram 7.648 mil postos, com adição líquida de 407 unidades em 12 meses e 85 no trimestre, número atípico para o período, que costuma ser mais lento nesse sentido, disse o executivo.

Para o segundo trimestre, a expectativa para o resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) e volume de vendas é de continuidade da tendência dos três primeiros meses. "Continuamos com a visão de crescimento mais acentuado no segundo semestre, mantendo perspectiva de crescimento no ano."

O Ebitda da Ipiranga caiu 1% no primeiro trimestre, na comparação anual, para R\$ 705 milhões, diante do menor volume de vendas (queda de 6%), parcialmente compensado pelo melhor mix de vendas e pela aposta em serviços e conveniência nos postos.

Para a Oxiten, a tendência no segundo trimestre é de manutenção do crescimento do volume de vendas domésticas de especialidades químicas, que registrou o terceiro trimestre consecutivo de alta diante do início da retomada da economia. Apesar da expectativa positiva, ponderou Pires, a volatilidade do câmbio e o aumento de preços de algumas matérias-primas seguirão pressionando as margens. "2017 será de preparação da estrutura de expansão da Oxiten nos Estados Unidos e isso traz gastos pré-operacionais que também reduzem o Ebitda num primeiro momento", afirmou.

Na Ultragaz, a expectativa é de manutenção da tendência para o Ebitda verificada no primeiro trimestre, com manutenção do ritmo de crescimento (alta de 11%). Conforme o executivo, o cenário macroeconômico do primeiro trimestre permaneceu desafiador, mas com sinais de recuperação gradual da economia.

Com a combinação dos negócios de lubrificantes da Ipiranga e da Chevron, já aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), a expectativa é de criação de uma empresa única até o fim do ano. Em relação à compra da Liquigás, Pires lembrou que a petição foi arquivada no órgão regulador

e a previsão é a de que o negócio seja concluído entre o fim deste ano e 2018. "Sobre AleSat, seguimos trabalhando para ter uma posição final do Cade."

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito

Título: ANP quer manter áreas devolvidas em leilão permanente

O Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) deverá analisar, em reunião em 8 de junho, a proposta de nova política para exploração e produção de petróleo e gás natural no Brasil. Segundo o secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do ministério de Minas e Energia (MME), Márcio Félix, entre as medidas propostas, está a possibilidade de a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) dispor permanentemente ao mercado uma lista com as áreas que já produziram óleo e gás, seja em terra ou no mar, e foram devolvidas por antigos donos.

"Estamos trabalhando para levar ao CNPE de 8 de junho uma nova política de exploração e produção que, entre outras coisas, propõe que ANP possa dispor dessas áreas e possa deixar isso [essas áreas] em leilão permanente", disse ontem Félix, após a realização da Quarta Rodada de Áreas com Acumulações Marginais, no Rio.

Félix explicou que a possibilidade de listar as áreas permanentemente permitirá mais agilidade na aprovação de concessões para exploração e produção nessas áreas, que normalmente só poderiam ser licitadas por meio de licitações como a de ontem. "Elas [empresas] não vão precisar esperar até maio do ano que vem, quando está prevista a quinta rodada de acumulações marginais, para ter acesso a essas áreas".

Presente ao evento, o diretor-geral da ANP, Décio Oddone, contou que o edital da 14ª Rodada de Licitações de blocos de exploração de petróleo e gás natural deverá ser publicado na próxima semana. Ele disse ainda que o documento trará exigências de pagamentos de royalties diferentes, de acordo com os perfis das áreas exploratórias. Na prática, o percentual de royalties para blocos em bacias maduras ou de novas fronteiras serão menores em relação ao que será aplicado para áreas em bacias tradicionais.

Sobre a licitação de ontem - o primeiro leilão de petróleo do governo Temer - o resultado surpreendeu positivamente o MME e a ANP e foi considerado animador para as perspectivas do governo com relação aos próximos leilões, cujas estimativas de investimentos - e principalmente de arrecadação - são bem maiores do que o certame de ontem.

"Fomos amplamente bem sucedidos com o que aconteceu hoje [ontem]. Conseguimos colocar [negociar] a grande maioria das áreas que oferecemos. Das seis empresas que foram bem sucedidas [no leilão], quatro são novas, que nunca tinham participado do setor", disse Oddone. "A indústria está acreditando na proposta, no modelo".

No leilão de ontem foram negociadas oito das nove áreas ofertadas. O total arrecadado em bônus de assinatura foi de R\$ 8 milhões, com ágio médio de 1.991,5%.

A Ubuntu Engenharia e Serviços e Guindastes Brasil Intermodal levaram o maior número de áreas do leilão, com duas concessões cada. A New Óleo e Gás, porém, foi responsável pelos maiores bônus de assinatura, de R\$ 5,7 milhões, e ágio, de 8.050,54%, ao arrematar a área de Itaparica, na Bacia do Recôncavo, na Bahia.

O leilão foi marcado ainda por uma manifestação organizada pelos movimentos "350.org" e "Não Fracking Brasil", com cerca de 50 pessoas que protestavam contra a realização do certame.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho

Título: Avanço na venda de ativos definirá estratégia da QGEP

A decisão da Queiroz Galvão Exploração e Produção (QGEP) sobre participar ou não das próximas rodadas da Agência Nacional de Petróleo (ANP) dependerá do avanço do processo de venda de ativos da companhia na área de exploração. O diretor-presidente, Lincoln Guardado, disse ontem que a petroleira espera concluir até o terceiro trimestre a venda de uma fatia nos blocos onde detém 100% de participação na margem equatorial e na Bacia Sergipe-Alagoas.

De acordo com o executivo, ainda que sejam atrativas, as condições dos próximos leilões, como o bônus mínimo de assinatura, sobretudo do pré-sal, são "expressivas". No caso do leilão das áreas unitizáveis, por exemplo, o governo fixou em R\$ 3 bilhões o bônus para a área da União adjacente à descoberta de Carcará, no BM-S-8, onde a QGEP detém 10% da concessão e já manifestou anteriormente que quer evitar a diluição de sua fatia após a unitização.

Guardado reconhece que o calendário de leilões da ANP e o plano de venda de ativos da Petrobras trazem "certa concorrência" para os negócios da QGEP, mas que a empresa está otimista com o sucesso do desinvestimento, dado o retorno dos interessados. Segundo ele, inicialmente a ideia era vender apenas depois do

processamento das sísmicas, mas a companhia optou por antecipar as negociações, justamente para não competir com as rodadas.

A QGEP busca sócios para as concessões SEAL-M-351 e SEAL-M-428 (Bacia Sergipe-Alagoas); FZA-M-90, na Bacia Foz do Amazonas; e nos blocos PAMA-M-265 e PAMA-M-337 (Bacia Pará-Maranhão).

"As discussões ainda estão começando quanto ao nosso posicionamento nos leilões, mas são muito dependentes dos indicadores que obtemos nesse nosso desinvestimento. Há claramente uma exposição para nós, acima do que pretendíamos [em exploração] e precisamos sem dúvida nenhuma nos desalavancar. A depender de como venha esse processo [de busca de sócios], que temos visto com bons olhos, dado o interesse das companhias, vamos definir qual será nossa posição nos leilões", disse o executivo, durante teleconferência com analistas.

Guardado comentou sobre o processo de venda da fatia de 40% da OGX no projeto de Atlanta, no pós-sal da Bacia de Santos. Em recuperação judicial, a OGX tem tido dificuldades de acompanhar os investimentos no desenvolvimento do ativo, e tem dívidas com seus sócios - QGEP e Barra Energia.

Para Guardado, a venda da fatia da OGX em Atlanta, ou de parte dela, é a "melhor solução" para o projeto. O executivo não descarta a possibilidade de a QGEP assumir uma parcela da OGX, mas destaca que este não é o objetivo.

"No limite pode acontecer [de a QGEP aumentar sua exposição a Atlanta], mas não é o que buscamos e o que a própria OGX está tentando", afirmou Guardado.

Atlanta está previsto para operar no início de 2018 e marcará a estreia da QGEP como produtora de petróleo. A companhia está renegociando com a Teekay o contrato de aluguel da plataforma Petrojarl I. Segundo ele, as negociações incluem a redução das taxas de afretamento, devido ao atraso no cronograma de entrega da embarcação. "A negociação envolve aspectos comerciais, a taxa diária de afretamento, e elementos que possibilitem à companhia recuperar tempo", disse o executivo.

MME / ASCOM .